

## O CONCEITO DE MITO EM JAN ASSMANN: ANOTAÇÕES METODOLÓGICAS PARA A PESQUISA BÍBLICA<sup>1</sup>

Monika Ottermann \*

### **Resumo**

*Este artigo trata a respeito da definição do mito a partir da compreensão do egiptólogo alemão Jan Assmann. Segundo Assmann, o mito deve ser compreendido por meio da “constância icônica” que lhe confere identidade. Neste sentido, os elementos recorrentes que estruturam o mito em diversas épocas, contextos e gêneros literários são chamados “ícons” ou “constelação”. Os ícons, complexos de sentido pré-míticos, se desdobram em mitos completos e possuem significados em si mesmos. Para Assmann é possível que tal abordagem sobre o mito auxilie a tarefa de desvendar a inesgotável longevidade e as transformações do mito na literatura.*

**Palavras-chave:** Cultura, Mito, Iconografia, Ícons, Literatura.

### **Abstract**

*This essay presents the myth definition of the German egyptologist Jan Assmann who argues that myth should be understood on the basis of its “iconical constancy” which grants its identity. In his concept, the re-current elements which make up the myth’s structure in different epochs, contexts, and literary genders, are called “icons” or “constellations”. These icons or complexes of pre-mythical sense unfold themselves to become complete myths, and also have a proper sense of their own. This concept of myth helps to understand the inexhaustive longevity of myth and its transformation into literature.*

**Keywords:** Culture, Myth, Iconography, Icons, Literature.

---

<sup>1</sup> ASSMANN, Jan. “Die Zeugung des Sohnes: Bild, Spiel, Erzählung und das Problem des ägyptischen Mythos”. In: ASSMANN, Jan e BURKERT, Walter. *Funktionen und Leistung des Mythos*. Friburgo (Suíça) e Göttingen: Universitätsverlag e Vandenhoeck & Ruprecht, 1982, pp.13-61 (Orbis Biblicus et Orientalis, 48). As abordagens e citações não identificadas do seu pensamento referem-se todas a esta obra.

\* Monika Ottermann é Doutoranda pela Universidade Metodista em São Paulo na área de Literatura e Religião no Mundo Bíblico. Pesquisadora CAPES e integrante do projeto *Oracula: Grupo de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Cristã*, apoiado pela FAPESP na qualidade de Projeto Regular.

## I. Elementos Teóricos do Conceito de Mito

Jan Assmann, um dos maiores egiptólogos alemães de nossos tempos, procura há décadas interpretar aspectos da cultura egípcia a partir do conjunto de documentos literários e documentos materiais que dela foram preservados. Seu interesse especial é voltado para aspectos da teologia egípcia, principalmente do Deus Sol Re e do Deus Amun.

No contexto de suas pesquisas, Assmann chegou a esboçar um conceito de “mito” que parte da situação específica encontrada na cultura egípcia, mas que procura articular os respectivos dados com teorias contemporâneas acerca de mitos e mitologia. Embora Assmann reconheça a grande importância de Kirk e Burkert,<sup>2</sup> ele trabalha principalmente com elementos interpretativos que o filósofo alemão Hans Blumenberg (1920-1996) elaborou na sua obra fundamental “Arbeit am Mythos”<sup>3</sup> (Trabalho/Pesquisa no Mito). O conceito chave que Assmann assume de Blumenberg é o conceito da “constância icônica” (*ikonische Konstanz*) que, segundo Blumenberg, confere ao mito sua identidade. Esta constância icônica, ou seja, a presença constante de elementos recorrentes ao longo dos séculos e em contextos e gêneros literários variados, é articulada por Assmann com o conceito da “constelação”.

Para identificar a essência do mítico, Assmann prefere não destacar a “narratividade” de um tema, mas a sua “iconicidade”. Neste sentido, ele considera insuficiente e simplista o conceito que define o mito como uma “história + differentia específica” (por exemplo, “um mito é uma história dos deuses”). Para considerar um mito em toda sua abrangência histórica é preciso perceber a presença dos elementos recorrentes que Assmann chama de “constelação” ou “ícon” (plural “ícons”; em alemão: *das Ikon, die Ikone*). O termo “constelação” procura levar em conta o fato de que, por trás de textos que aparentemente falam na linguagem do mito,<sup>4</sup> mas não desdobram contextos narrativos, não precisam estar

---

<sup>2</sup> Assmann refere-se explicitamente às seguintes obras: KIRK, Geoffrey Stephen. *Myth, its meaning and functions in ancient and other cultures*. Berkeley: University of California Press, 1983, 299p; BURKERT, Walter. *Structure and History in Greek Mythology and Ritual*. Berkeley: University of California Press, 1979, 226p. (Sather classical lectures, 47).

<sup>3</sup> BLUMENBERG, Hans. *Arbeit am Mythos*. Frankfurt: Suhrkamp, 1979, 699p.

<sup>4</sup> Para Assmann, a expressão “linguagem do mito” não quer dizer que se fala de divindades, senão que diferentes dimensões de sentido são colocados em uma relação de referências mútuas, aquela forma tipicamente egípcia conhecida como “mitização de rituais”, mas que além deste caso especial representa uma forma básica do discurso religioso no Egito. Em geral, ele chama este tipo de uso da língua não “mítico”, mas “sacramental”. Por exemplo, na linguagem sacramental, o ato de alimentar-se é equiparado à ascensão ao céu, o pôr-do-sol a um enterro: em ambos os casos trata-se da vinculação de dimensões de sentido. Dessa forma, a “mitização de rituais” é uma “interpretação sacramental” e a complexização das dimensões de sentido é fornecida não somente pelo mito, senão já pela constelação, por exemplo, do pai (morto) e filho (vivo) da qual se desenvolveu também o mito de Osíris em alguns de seus aspectos essenciais.

necessariamente mitos, senão algo como complexos de sentido pré-míticos que se desdobram em mitos completos apenas em alguns casos, ao longo da história.

Nesta concepção de mito, as “constelações” ou os “ícons” que estão na base de uma história não são funções cujo significado reside naquilo que atribuem ao enredo da história. Antes, as constelações têm seu significado em si mesmas e podem ser separados por completo do enredo. Elas formam, cada uma por si, pontos de aglutinação para “afirmações míticas” independentes que podem ser encontradas tanto em textos quanto em imagens e, no caso específico do Egito, até na decoração de santuários inteiros. Cada constelação tem sua vida mitológica própria, e a iconografia e fraseologia mitológica de uma cultura são perpassadas pelas imagens e constelações fundamentais de um determinado mito, sem que se pensasse nele no sentido de uma citação ou alusão cada vez que aparece uma determinada constelação, um determinado ícon. Cada mito refere-se a um universo de imaginários, de maneira muito concreta elaborado em imagens, que se expressa também fora dele numa abundância de imagens, ritos e textos.

Por isso Assmann propõe colocar o fenômeno da “não determinação combinatória” ao lado do termo da constância icônica que caracteriza o mito como tal, pelo menos como uma característica especificamente da mitologia egípcia. Esta “não determinação combinatória” evidencia-se na ausência de contornos fixos de uma narrativa. Os ícons míticos não são narrativos porque adquirem seu significado de história no contexto em que aparecem, senão a portam em si mesmos e podem ser separados desta história. Portanto, interligando o termo da “qualidade de imagem” e da “qualidade de constelação”, também é possível falar de “imagens de relações”. Mesmo quando estas imagens apresentam desdobramento em histórias, que é apenas muito rudimentar e inicial, elas possuem a originalidade e importância de mitos genuínos. Nesta definição que não destaca a “narratividade”, mas a “iconicidade”, mitos são ícons desdobrados em histórias (constelações, “imagens de relações”) que podem voltar para a pura iconicidade sem perder sua identidade. Este conceito de mito permite compreender tanto a longevidade quanto as transformações que observamos nos mitos das mais variadas culturas, inclusive dos mitos da Bíblia Hebraica e dos mitos cristãos.

## ***II. Análise das Constelações (ícons) no Mito da “Geração do Filho”***

Na obra que é o ponto de partida deste ensaio, “A geração do filho: imagem, representação, conto e o problema do mito egípcio”, Assmann selecionou um contexto de tradições que vincula entre si, de maneira típica, dimensões diferentes de sentido – rito, mundo divino e

imagem da história – mas também, em parte, desdobra narrativamente este complexo de sentido. O conjunto de constelações destas tradições é analisado para mostrar sua função na formação de um mito concreto: o mito do rei como filho divino<sup>5</sup> que traz salvação, paz e justiça. Para facilitar o acompanhamento do raciocínio básico de Assmann, dispensei aqui a discussão de suas considerações sobre a adaptação cristã destas constelações e apresento apenas o conjunto e a comparação do material egípcio por ele analisado. Este material que abrange documentos iconográficos e literários de quase três milênios é, segundo Assmann, completo no sentido de abranger todos os documentos atualmente conhecidos que apresentam o conjunto das constelações por ele focado. Ele pode ser subdividido em seis grupos de documentos que são apresentados em seguida na seqüência criada por Assmann. É fundamental notar que esta seqüência não é orientada pela cronologia, senão pela maior complexidade das constelações em questão, para assim identificar a função de uma constelação naquilo que chega a ser, ao longo da história, um mito.

***(A) Os Ciclos de Imagens na Capela de Hator e no Templo de Amun (séc. 15 e 14 a.C., Novo Império)***

Trata-se do ciclo de imagens de nascimento, juventude e coroação mostradas no registro inferior da parte setentrional da coluna central do templo mortuário da faraôna Hatshepsut (1488-1467) em Der-el-Bahri e do ciclo de imagens na parede ocidental da sala XIII do templo de Amun, construído por Amenófis III (1397-1360) em Luxor. Em ambos os ciclos, Assmann percebe a centralidade de quatro cenas (em seguida destacadas por mim em negrito):

1. no. 4 Encontro amoroso entre deus e rainha e a geração do sucessor ao trono
2. no. 9 Nascimento
3. no. 12 Amamentação da criança por amas divinas e vacas celestiais
4. no. 15 Circuncisão.

Estes quatro enfoques são desdobrados em 17 cenas que serão o esquema de referência na análise dos outros grupos de documentos:

***1. Prelúdio***

Amun e Nove Divindades: anúncio da decisão de gerar um novo rei

---

<sup>5</sup> Assmann faz questão de avisar desde o início que julga este título apropriado, embora se trate, num dos documentos mais básicos, de uma filha, a futura rainha/faraôna Hatshepsut e que esta está relacionada, num dos documentos menores, com uma deusa, Hator.

Amun e Thoth: Thoth revela a Amun que a mulher escolhida é a rainha

Thoth: leva Amun à rainha

## 2. Geração

**Amun e rainha: hieros gamos/teogamia (Amun sob forma do rei, mas reconhecido como deus)**

Amun e Chnum: Amun encarrega Chnum a formar a criança e seu Ka na imagem de seu pai divino

Chnum, Heket, criança+Ka: Chnum realiza a tarefa na presença da Deusa do Nascimento

## 3. Nascimento

Thoth e rainha: anunciação da maternidade

Chnum, Heket, rainha grávida: a Deusa do Nascimento prepara a rainha

**Nascimento: a rainha no leito de parto, duas amas, divindades e gênios de destino e proteção**

## 4. Amamentação

Hator e Amun: Hator visita e cumprimenta a criança

Hator e Amun: Amun coloca a criança no seu colo e a recebe com boas-vindas como seu/sua filho/a

**Amamentação: rainha e criança, amas, vacas celestiais**

## 5. Circuncisão

Deus do Nilo e Deus do Leite: apresentação de criança+Ka a uma tríade de divindades

Thoth: apresentação da criança+Ka a Amun, Amun a reconhece de forma solene como filho

**Circuncisão: divindades proferem votos de bênção**

## 6. Final (?)

Purificação: Amun e um outro Deus Sol derramam a água da vida sobre a criança

Apresentação: Amun representa o novo rei às divindades do país.

Assmann propõe entender a forma e função desta apresentação curiosa do mito como um “ritual fictício”, sendo que não se trata de um conto no que diz respeito à forma externa: são apresentadas cenas dramáticas que parecem formar uma representação, portanto um tipo de ritual, embora esta não seja a forma costumeira egípcia de representar rituais. Ele encontra uma certa analogia nas imagens de funerais em tumbas contemporâneas de funcionários, onde foi elaborada uma composição de cenas que tem apenas parcialmente a ver com os acontecimentos verdadeiros do funeral e afirma que o mesmo aconteceu aqui: um livro de rituais de grande antigüidade foi ampliado para formar um ciclo de cenas que pretendem fornecer aos acontecimentos reais uma forma digna de ser eternalizada. Estes acontecimentos reais, no entanto, não são a geração e o nascimento, mas a coroação como

um novo nascimento do rei ou da rainha. Neste conjunto de constelações, a coroação é o motivo e o último ato das celebrações.

Assmann destaca que a combinação das constelações opera a presença real de um acontecimento mítico por meio de seu aparente desequilíbrio estilístico. Este desequilíbrio está evidente em duas características básicas: no estilo das formulações lingüísticas e numa qualidade do conteúdo que poderia ser chamada de “orientada nos acontecimentos” (*das Ereignishafte*). Ele mostra que a narrativa orienta-se em pontos fixos que são pré-estabelecidos por serem dados universais (geração – nascimento – criação) ou por serem instituições específicas da cultura egípcia (reconhecimento paternal – circuncisão – purificação). Com este enredo pré-determinado, o específico da narrativa, aquilo que é “orientado nos acontecimentos”, pode residir somente na *maneira* pela qual eles acontecem. É isto que ocorre exatamente nas cenas iniciais do ciclo: o rei dos deuses apaixona-se por uma mulher mortal e precisa procurar informações sobre ela. Esta especificação das circunstâncias implica numa emancipação decisiva do dogma teológico, pois segundo o dogma, o Deus Amun, sendo o Deus Sol, é onisciente e vê “o mundo inteiro em um único instante”. Aqui, no entanto, ele precisa procurar informações por meio de seu viziro. Segundo o dogma, Amun é invisível, a ponto de seu nome significar “o oculto, o invisível”. Aqui, no entanto, ele precisa assumir a forma do rei para chegar até a rainha. Tudo isso não acontece no sentido de uma afirmação teológica sobre a essência do deus, senão por causa da narração que não seria possível em textos de hinos e rituais. Segundo Assmann, não se deve cometer o erro de compreender tais caracterizações narrativas, que podem chegar até o burlesco, como afirmações teológicas sobre a essência divina.

### **(B) Ciclos de Imagens nos Mammisis (séc. 2 a.C. a séc. 2 d.C., Época Tardia)**

Na Época Tardia foi realizado ocasionalmente um ritual intitulado “O nascimento do Deus”. Ele é ilustrado em ciclos de imagens nas “casas de parto”, os “mammisis”, pequenas capelas existentes em quase todos os templos maiores. Comparados com os ciclos até aqui analisados, os ciclos dos mammisis são surpreendentemente pouco modificados. A modificação mais importante reside no fato de que no papel da criança não aparece o rei que está governando, mas o deus-criança da tríade de divindades venerado no respectivo templo. Isto se deve ao fenômeno de que na Época Tardia foi imposta em quase todos os grandes centros de culto uma sistematização no sentido de uma família divina: pai, mãe e criança. Uma vez ao ano, no mês que seguia ao mês da colheita, celebrava-se na casa do nascimento o nascimento, a criação e a instalação ao governo do deus-criança e com isso a renovação da fertilidade e o advento de um novo tempo de salvação.

Assmann analisa os ciclos de imagens em quatro mammisis: no mammisi de Nektanebos em Dendara, no de Filae, de Edfu e no mammisi romano de Dendara (de Traiano, Adriano e Antônio Pio). Ele estrutura as cenas encontradas em duas seqüências:

**Seqüência I – antes do nascimento:**

	<b>ciclo antigo</b>
I B Teogamia	= IV
I C Amun encarrega Chnum	= V
I D Chnum e Heket formam e vivificam a criança	= VI
I E Thoth anuncia a Hator	= VII
I F Chnum e Heket levam Hator ao leito de parto	= VIII

**Seqüência II - depois do nascimento:**

II B Nascimento	= IX
II C Reconhecimento da parte do pai: Amun e Hator com a criança	= X + XI
II D Amamentação no leito do parto	= XII
II E Apresentação da criança diante das Nove Divindades pelo Deus do Nilo e Deus do Leite	= XIII, cf. XVII
II F Introdução, com Heka e Anubis	= XV

Estas duas seqüências de cinco cenas são o conteúdo antigo e fixo nos programas decorativos dos mammisis. Este conteúdo é também reproduzido bastante claramente na seqüência dos respectivos episódios do culto. Na sua análise mais detalhada, Assmann mostra a tendência da modificação que os mammisis operam no modelo (*Vorlage*) antigo: as cenas da primeira seqüência (antes do nascimento) perdem sempre mais importância em favor de cenas pertencentes ao segundo ciclo (nascimento e criação) e em todos os casos sobressaem as cenas da Mãe de Deus que amamenta:

	seq. I	seq. II
Filae	6	5
Dendara (Nektanebos)		7 9
Dendara (romano)	8	14 + todas as “outras cenas”
Edfu	3	14

Esta tendência demonstra que a história já assumiu aquele vínculo indissolúvel com uma figura, que parece ser característico de mitos: do mesmo modo como o mito de Osíris aparentemente podia ser contado somente de Osíris, esta história aparentemente podia ser

contada, na Época Tardia, somente de Amun. Isso não era assim no Novo Império (cf. Bênção de Ptah, no. 5). É somente agora que ela tornou-se um tipo de mito de Amun, embora Amun seja, em geral, um deus que oferece poucos pontos de ligação para elementos mitológicos. No entanto, Amun detém a função do pneuma divino que gera vida e a função do pneuma depende intrinsecamente do antagonismo entre a esfera divina e a esfera humana que é superada por ele. Mas justamente este antagonismo é dissolvido na Época Tardia pela transposição dos acontecimentos para o mundo divino: agora tanto a mãe quanto a criança são divindades. A transposição da história para o mundo divino é também o motivo do fato de que o centro de seu sentido, o cerne de sua importância destacado nas pinturais murais, desloca-se sempre mais para a segunda seqüência. Aqui o acontecimento central não é a “Geração do Filho”, senão o nascimento da criança e o ato de cobri-la de forças de bênção que a capacitam a assumir o trono e operar o advento de um novo tempo de salvação.

Assmann afirma que, na Época Tardia e sob condições históricas modificadas, a tradição da teologia real do Novo Império tornou-se, de modo cristalizado, um mito de Amun que tem em Tebas seu lugar mítico e que não pode ser separado destes fatores determinantes. Agora este mito é combinado com o culto à criança dos templos da Época Tardia, organizados em torno de uma tríade divina. Por meio do acréscimo do mito, o ritual torna-se uma representação de mistérios (*Mysterienspiel*) e o culto rotineiro da festa. O ritual baseia-se no princípio da repetição. Ele confere aos acontecimentos típicos sempre repetidos uma forma cuidadosamente fixada e “repetível”. Pelo acréscimo do mito, a repetição ritual se transforma em um ato que opera a presença real de um acontecimento mítico.

*(C) História de Milagre, Situada na Corte de Queops (séc. 18-16 a.C., Médio Império)*

Um manuscrito do início do séc. 16 a.C. registrou um texto que provavelmente é ainda 200 anos mais antigo e que oferece um ciclo de histórias de milagres, situado na corte de Queops (da 4ª dinastia, cerca de 2650 a.C.). Depois de narrar uma série de milagres antigos, um mago informa ao rei que Rwd-dedet, a esposa do sacerdote de Re em Sakebu, está grávida com três filhos do Deus Sol e que estes filhos, um dia, governarão sobre o Egito. Em seguida, a narrativa passa para Sakebu e conta com muitos detalhes o nascimento milagroso das crianças e sua salvação igualmente milagrosa do rei perseguidor.

Aqui o mito aparece na roupagem de uma história de milagres que não permite perceber claramente sua forma original. A atuação do Deus Sol fica no segundo plano; em destaque está o nascimento de filhos divinos numa família burguesa. Neste ponto a narrativa aponta

para além de si e também o episódio da perseguição pelo rei Queops parece ter implicações maiores do que a história mostra à primeira vista. Na base de seus conhecimentos históricos, Assmann afirma que se trata aqui de uma crítica de Quéops, por ele ter construído pirâmides enormes para si e não para as divindades. Isto lhe confere a imagem de um tirano sem deus e o nascimento de novos reis ganha a dimensão da esperança de um futuro melhor. Esta interpretação permite estruturar a narrativa em três pontos centrais (entre parêntesis os elementos que Assmann encontrou nas entrelinhas):

- I (Ponto de partida é uma situação histórica sem salvação, causada pelo rei Quéops que negligencia as divindades.)
- II a (O próprio Deus Sol Re toma a iniciativa e gera, com a esposa de seu sacerdote, os fundadores de uma nova dinastia)
  - b (que nascem de modo milagroso)
  - c (e são criados apesar de todas as perseguições.)
- III (A entronização dos novos reis-sacerdotes inaugura um novo tempo de salvação na qual as divindades são reconciliadas e na terra reina a justiça)

A reconstrução mostra pelos itens entre parêntesis o quanto esta história, segundo seu texto (contido apenas em IIa), está longe daquilo que, tradicionalmente, entende-se por “mito”: uma história que com os três passos de seu desdobramento narrativo (Princípio – Mudança – Solução) opera uma reviravolta semântica de uma situação de partida avaliada como negativa. Portanto, estamos novamente diante de um registro que aponta para além de si. Enquanto na versão do Novo Império foi o desequilíbrio estilístico e na versão da Época Tardia a presença de contradições internas que nos forneceram dicas acerca de formas de transmissão (orais?) da tradição mítica fora dos registros preservados, aqui tais dicas residem nas pressuposições: daquilo que é pressuposto, que é omitido e que é expresso nas entrelinhas.

#### ***(D) Sátira do “Engano de Nectanebos” (séc. 2 a.C., Época Tardia)***

Este texto, transmitido em grego, encontra-se integrado no romance de Pseudo-Calístenes sobre Alexandre Magno. Sua estrutura gira novamente em torno da geração do filho divino:

- I a Nectanebos, o último faraó nativo do Egito, um grande mago e adivinho, prevê a conquista do Egito pelos persas e foge para a Macedônia.
  - b Um oráculo anuncia aos egípcios que o rei voltará para o Egito como moço e subjugará os persas.

II Nectanebos é consultado pela rainha Olímpia, na ausência do seu marido Felipe, por causa das intenções de separação dele.

III Nectanebos profecia à rainha a união com um deus durante um sonho e o nascimento de um filho divino que a vingará do seu marido.

IV Nectanebos forja uma teogamia na qual ele próprio representa o deus.

V Um sonho forjado por meios mágicos anuncia ao rei Felipe as circunstâncias da gravidez de sua esposa. Deste modo, Alexandre, quando nasce, é reconhecido por Felipe como príncipe herdeiro e é criado “pelos deuses”.

Aqui termina a sátira cujo protagonista é Nectanebos. A história na qual ela é inserida começa com o oráculo (Ib) e termina com a entronização de Alexandre. Deste modo, o romance sobre Alexandre reproduz, por assim dizer, a forma “canônica” do mito:

- I Um rei é prometido
- II O rei é gerado, numa rainha por um Deus
- III O filho nasce
- IV O filho é criado e educado para o governo
- V O filho, ainda moço, é entronizado.

*(E) A Bênção de Ptah (séc. 13 a.C., Novo Império)*

Este texto, conhecido como “Bênção de Ptah”, é preservado em quatro versões (a original parece ser a inscrição de Abu Simbel, datada no ano 35 de Ramsés II, ou seja, 1255 ou 1244 a.C.). Ele contém uma longa promessa de bênção para o rei. Assmann apresenta as passagens mais importantes para a presente discussão e reconhece nelas a mesma constelação como no ciclo do nascimento:

1. O deus em forma transformada, terrestre-visível
2. A rainha
3. O sêmen divino como germe do futuro rei (o rei governante no momento do registro por escrito)

Os demais pontos também são orientados nas etapas e constelações do ciclo de nascimento:

- II cf. IX: nascimento
- III cf. XII: criação da criança
- IV a cf. XI: primeiro reconhecimento paterno (abraço íntimo)

b cf. XIV: reconhecimento público e escolha para a realeza  
V coroação

No entanto, existem divergências, por exemplo: o deus não é Amun, mas Ptah-Tatenen, sua forma visível não é o rei, senão o carneiro de Mendes a cujo culto deve ter pertencido um rito de teogamia. Justamente estas divergências mostram em que reside a identidade do mito, sua “constância icônica”. Aqui esta constância ainda não é uma constância da figura, pois em lugar de Amun temos Ptah-Tatenen e em lugar do pai terrestre o carneiro de Mendes. São principalmente duas constelações que a “Bênção de Ptah” aproveita do Mito do Nascimento e coloca no primeiro plano, no discurso proferido pelo pai - aquelas nas quais o pai tem o papel principal:

1. A teogamia na qual o deus aparece em sua forma terrestre para gerar um filho com a rainha
2. O reconhecimento paterno na forma do abraço que reconhece a criança como filho na sua imagem e a escolhe como rei

*(F) A Bênção de Hator (séc. 15 a.C., Novo Império)*

Exatamente complementares são os discursos da mãe divina dirigidos ao rei que estão registrados na capela de Hator, construída pela faraôna Hatshepsut. Aqui a cena XII do mito antigo, a amamentação, é ampliada de forma exaustiva para uma narração da criação e educação da filha pela própria Deusa Hator. Esta diz, na sua forma de vaca:

“Eu vim até ti, minha filha amada Hatshepsut,  
Para beijar tua mão e lambar teus membros,  
Para abençoar tua majestade com vida e salvação  
Como fiz para Hórus no mato de papiro de Chemnis.  
Eu amamentei no meu peito tua majestade,  
Te enchi de minhas forças mágicas,  
Com minha água da vida e da salvação.  
Eu sou tua mãe que criou teu corpo,  
Eu criei tua formosura,  
Eu vim para ser tua proteção  
E te fazer provar do meu leite,  
Para que tu vives e permaneças pela força dele.”

A importância excepcional da cena XII do ciclo reside no fato de que a criança nascida de uma mãe humana é acolhida, por meio da amamentação, numa situação divina de filiação também do lado da mãe divina. Assim ganha a filiação em relação à Grande Deusa, a Deusa do Céu, a Deusa Mãe, venerada no Egito desde os primórdios sob a forma da vaca

que simboliza abundância e vida eterna por excelência. Ainda o Oráculo do Oleiro, na sua formulação saliente: "aquele que vem do sol e é entronizado pela Grande Deusa (variante: Grande Deusa Ísis)", refere-se a esta constelação de rei e mãe celeste como garantia da realeza legítima por excelência. Esta mesma constelação representa nos *mammisis*, como vimos, a idéia principal da imagem e o "centro de sentido" de todo o mistério.

### III. Resultado das Análises Comparativas

Ao olhar a partir destas análises para o conjunto total da tradição em torno do nascimento da criança real, surgem duas observações que, segundo Assmann, são adequadas para caracterizar a essência da mitologia, ao menos da mitologia egípcia:

**a.** O mito deve sua "constância icônica" a algumas poucas constelações fundamentais. No caso do mito da "Geração do Filho", são quatro ou cinco:

1. O mistério da geração, a superação do hiato entre céu e terra por meio da teogamia, do *hierogamos* entre um deus e um ser humano;
2. O nascimento: a mãe humana que dá à luz o novo deus, com ajuda das divindades *parteiras*;
3. O abraço no qual o pai reconhece a criança como sua e nela reconhece a si mesmo;
4. A amamentação e criação da criança pela personificação da Grande Deusa Mãe.

O quinto ato do enredo é a coroação: ela é o verdadeiro ponto de chegada de todos os acontecimentos, no entanto, fica fora do mito de nascimento propriamente dito.

**b.** As "constelações" ou os "ícons" que estão na base desta história não são funções cujo significado reside naquilo que atribuem ao enredo (o que deve ser sublinhado ainda mais, visto que este enredo é predeterminado pela seqüência natural e institucionalizada das coisas); antes, elas têm significado em si mesmas e podem ser separadas por completo do enredo. Elas formam, cada uma por si, pontos de aglutinação para "afirmações míticas" independentes: textos, imagens e até santuários inteiros, como mostrou o exemplo da capela de Hator em *Der-el-Bahri*. A iconografia e a fraseologia da monarquia egípcia são perpassadas pelas imagens e constelações fundamentais deste mito, sem que se pensasse nele em cada uma destas cenas ou formulações no sentido de uma citação ou alusão. O mito refere-se a um universo de imaginários, de maneira muito concreta elaborado em imagens, que se expressa também fora dele em uma abundância de imagens, ritos e textos.

Por isso, seus contornos se dissolvem no conjunto da tradição egípcia de uma maneira que não conhecemos dos mitos mesopotâmicos, ugaríticos, hetitas, gregos e outros. Ao lado do termo da constância icônica que caracteriza o mito como tal é preciso colocar, portanto, o fenômeno da não determinação combinatória como uma característica especificamente egípcia. Este fenômeno poderia ser chamado também de “ausência narrativa de contornos”. Os ícons míticos dos egípcios que chamamos aqui e alhures de “constelações” não são narrativos porque adquirem seu significado não de uma história no contexto da qual aparecem, senão a portam em si mesmos e podem ser separados desta história.

**JAN ASSMANN, A GERAÇÃO DO FILHO – COMPARAÇÃO DOS DOCUMENTOS ANALISADOS**

Ciclos Hator / Amun	Ciclos mammisis	História de milagres	Sátira Nectanebos	Bênção de Ptah	<b>Bênção de Hator</b>
I Amun, 9 Divindades: anúncio da decisão de gerar um novo rei		I (Re reage à negligência por parte do rei Quéops)	I Nectanebos: oráculo forjado para Olímpia		
II Amun e Thoth: revelação da identidade da escolhida (rainha)					
III Thoth leva Amun à rainha					
<b>IV. Teogamia</b>	I B Teogamia	<b>Ila (Teogamia - Re gera futuros reis com a esposa de seu sacerdote)</b>	<b>II “Teogamia” forjada por Nectanebos</b>	<b>1. Teogamia (Ptah-Tatenen na forma do carneiro de Mendes)</b>	
V Ordem a Chnum: formar a criança	I C Ordem a Chnum: formar a criança				
VI Realização da ordem	I D Realização da ordem (Chnum, Heket)				
VII Anunciação da maternidade à rainha	Thoth anuncia a Hator				
VIII Preparação da rainha grávida	I F Hator presente no leito de parto				
IX Nascimento	II B Nascimento	<b>IIb Nascimento em circunstâncias milagrosas</b>	<b>III Nascimento de Alexandre Magno</b>		
X Visita à criança	II C Reconhecimento				
XI Amun recebe a criança	pelo pai				

XII Amamentação	II D Amamentação no leito de parto	<b>IIc Criação apesar de perseguições</b>	<b>IV Felipe, enganado, o reconhece e cria como herdeiro</b>	<b>2. Abraço paterno: Reconhecimento como filho e escolha como rei</b>	<b>Amamentação e Reconhecimento materno pela Deusa Hator</b>
XIII Apresentação a 3 divindades	II E Apresentação às Nove Divindades				
XIV Apresentação a Amun, reconhecimento como filho/a					
XV Circuncisão	II F Introdução	<b>III (Entronização inaugura novo tempo de salvação)</b>	<b>V Alexandre é entronizado</b>		
XVI Purificação					
XVII Apresentação do novo rei	cf. II E				